

A NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO DA MATINHA/BA: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Jan Carlos Dias de Santana
Priscila Brasileiro Silva do Nascimento*

RESUMO: Este trabalho analisa a variação linguística na estrutura de negação utilizada na fala da Matinha, comunidade rural da cidade de Feira de Santana (BA). No português brasileiro, coexistem três estratégias de negação oracional: a) pré-verbal *não* + V; b) dupla negação *não* + V + *não*; c) pós-verbal V + *não*. Fundamenta-se nas noções de gramáticos e linguistas, apontando para as explicações atestadas pelas gramáticas normativas e pelas situações reais de uso. O modelo teórico-metodológico utilizado é a *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, desenvolvido por William Labov (1972), mostrando que a variação presente na língua é motivada por fatores estruturais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: negação; português brasileiro; amostras de língua falada

ABSTRACT: *The aim of this work is to analyse the linguistic variation in the structure of negation present in the parole of the habitants of a rural community known as Matinha located in the city of Feira de Santana. There are three strategies of clausal negation in the Brazilian Portuguese: a) pre-verbal not + SV; b) double negation not + SV+ not; c) post-verbal SV + not. This study is based on the notions created by Grammarians and Linguists, directing the attention to the assured explications by Normative Grammar and for the real situations of use. The methodological process utilized is the Linguistic Change and Variation Theory developed by William Labov (1972) that has demonstrated that the linguistics variations is motivated for social and structural factors.*

KEY-WORDS: *negation, Brazilian Portuguese, spoken language.*

Introdução

Em variedades faladas do português brasileiro (PB), há três estratégias distintas para se negar:

- a) negação pré-verbal *não* + V

*Alunos do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Letras, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), pelo curso de Especialização em Estudos Linguísticos. Esse artigo foi produzido para a disciplina Variação e Mudança do Português Brasileiro, sob a orientação da Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira.

(1) Eu não disconcordo dele. [Inf. 04 F II]¹

b) dupla negação *não* + *V* + *não*

(2) Eu mehmo... lá em casa, a gente não cria não, já criemo, mas paremo de criar, mas sempre o pessoal aqui cria. [Inf. 03 M II]

c) negação pós-verbal *V* + *não*

(3) Casei não, vivo junto, né? [Inf. 01 M I]

Os estudos quanto à origem das estratégias de negação do PB consideram duas possibilidades. Na primeira, as construções negativas decorrem de uma base crioula ou seriam o resultado de mudanças naturais da língua. Segundo a hipótese crioulista, a negação pré-verbal vem do português europeu (PE) e a gênese da negação dupla e pós-verbal está na influência da estrutura de línguas africanas. Na outra possibilidade, cuja hipótese está relacionada à deriva secular das línguas românicas, as formas negativas inovadoras não são construções exclusivas do PB, visto que estudos diacrônicos revelam o uso da dupla negação em textos do PE do século XVI. Assim sendo, esta “inovação linguística” já estaria prefigurada no PE e o que houve foi que o PB vernacular teria avançado, por meio do uso frequente, neste estágio anterior do sistema de negação do português que veio da Europa (cf. NARO & SCHERRE, 1993 *apud* FURTADO DA CUNHA, 2001a).

Considerando sua motivação discursiva, as três construções negativas ocorrem em diferentes situações comunicativas: para recusar uma oferta ou sugestão; para rejeitar uma asserção (explícita ou implícita).

1 A negação na língua portuguesa: algumas considerações

Em uma análise das gramáticas a respeito do fenômeno de negação e de como este é abordado, utilizamos como suporte teórico a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo

¹ Código: Inf. - informante; Doc. - documentador; F - feminino; M - masculino; I - jovem; II - meia idade; III - idoso.

Bechara, e a *Gramática descritiva do português*, de Mário A. Perini. Percebemos que, mesmo com focos diferenciados, já que a gramática de Bechara tem um caráter mais tradicional, enquanto a de Perini tem um caráter descritivo, ambos abordam a negação apenas atrelado a uma das funções dos advérbios, não se debruçando sobre o fenômeno da negação com mais clareza e profundidade. No entanto vale salientar que, mesmo não abordando a negação de forma mais específica, Perini (1996) faz uma ressalva importante acerca dos advérbios, ao afirmar que:

Ao contrário dos “pronomes”, porém, os advérbios do português estão muito pouco estudados em seu conjunto. A situação é tal que não parece possível dar uma visão mais abrangente das diversas classes, nem mesmo uma lista completa delas. (p. 338)

Dessa forma, o autor reconhece a carência de estudos mais aprofundados sobre tal categoria. Recorrendo a Bechara (2001), este traz a seguinte consideração acerca dos advérbios:

Advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial, constituído por uma palavra de natureza nominal unitária, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira. (p.288)

Assim como Perini, o referido autor não traz um estudo mais específico acerca do fenômeno da negação, tarefa que encontraremos em trabalhos de Maria Helena de Moura Neves, que será foco de discussão a seguir.

Moura Neves (2000) aborda o fenômeno da negação tanto sob o viés gramatical como também sob o semântico e pragmático. É interessante destacar que a abordagem da autora supracitada é totalmente diferente daquela abordada pelos gramáticos ditos tradicionais. É tanto que, ao definir o fenômeno da negação, Moura Neves (2000) afirma que:

A **negação** é uma operação atuante no nível sintático-semântico (no interior do **enunciado**), bem como no nível **pragmático**. É um processo formador de sentido, agindo como instrumento de interação dotado de intencionalidade. A **negação** é, além disso, um recurso argumentativo (ou contra-argumentativo). (p. 285, grifos da autora)

Ao debruçar-se sobre o estudo de elementos que constituem a negação, Moura Neves traz algumas características sobre a partícula *não* e demonstra aspectos importantes nem sempre abordados por alguns gramáticos. Recorramos à autora:

Merece observação o fato de que o elemento **NÃO**, além de operador de negação de uma oração ou de um constituinte, pode funcionar, sozinho, com o estatuto de enunciado negativo, como antônimo de sim, especialmente em contextos de resposta a interrogativas gerais, isto é, interrogativas cuja resposta é exatamente do tipo sim/NÃO. (MOURA NEVES, 2000: 285, grifos da autora)

Nesse sentido, temos uma visão mais ampla sobre de como opera a palavra *não*, considerado por muitos estudiosos o principal operador de negação. Mas além do *não*, há também no português do Brasil outras palavras utilizadas para negar como as palavras *nunca*, *jamais* e *nem*. A respeito deste último, Moura Neves (2000: 287) assegura que “diferentemente dos outros elementos de negação, a partícula *nem* funciona não apenas como elemento adverbial, mas também como conjunção coordenativa, ocorrendo entre segmentos de valor negativo” e que, diferentemente do elemento *não*, o *nem* nega neutramente, já que ele tem um componente de significado restritivo que coloca a porção do enunciado negada como um extremo a que se chega nesse ato de negar.

Além de tratar sobre o reforço da negação, afirmando que esta pode ser obtida por expressões adverbiais negativas, o reforço da negação pode ser obtido pela repetição da partícula *não* no final do enunciado, seja com valor asseverativo ou com valor interrogativo.

Quanto ao aspecto pragmático da negação, Moura Neves (2000) afirma que, mesmo sendo mais comum o tipo de negação predicativa, do ponto de vista pragmático, podemos chamar de descritiva. Além disso, a negação é amplamente usada, por exemplo, para negar crenças esperadas pelo ouvinte em contextos nos quais a afirmativa correspondente foi suposta. Sendo assim,

Quando o falante compõe um enunciado negativo, ele indica ter mais suposições sobre o conhecimento do ouvinte do que quando compõe um enunciado afirmativo. A partir daí, do ponto de vista comunicativo, pode-se dizer que os enunciados negativos não são empregados primariamente para expressar informação nova, mas sim para assentar uma manifestação acerca de informações já expressas, ou supostas na interação linguística. (MOURA NEVES, 2000: 329)

Com os estudos de Moura Neves sobre o fenômeno da negação, percebemos que há um contra-senso entre o que pensam os linguístas e o que pensam os gramáticos sobre tal fenômeno

e, assim como Cunha (2001), acreditamos que o estudo das construções conhecidas como universais linguísticos, como a negação, por exemplo, contribui para o entendimento da natureza do pensamento humano e da interação social na medida em que tais construções parecem refletir universais psicológicos e socioculturais.

2 Quadro teórico-metodológico

Os estudos sociolinguísticos tratam da relação entre língua e sociedade, mostrando que a linguagem tem um funcionamento dinâmico, ou seja, possui um sistema que articula o comportamento linguístico e o social. Dessa forma, as diferenças no uso das variantes linguísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais. Por conta disso, devemos romper com uma velha tendência, “a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura” (BRIGHT, 1974: 18).

A partir do pressuposto de que a língua é um veículo para se transmitir informações e estabelecer/manter contatos sociais, “qualquer pessoa fala de modo diferente a pessoas diferentes e em diferentes situações, ainda que o conteúdo do que diz até aconteça ser o mesmo” (STREVENS, 1965: 84 *apud* MARQUES, 1995: 28). Assim, entendemos que o “repertório verbal” de um indivíduo (como também de uma comunidade) é um conjunto de variantes linguísticas.

Tendo em vista a heterogeneidade dos fenômenos linguísticos, William Labov, precursor dos estudos variacionistas, propôs um modelo de análise linguística que considera a influência dos fatores sociais atuantes na língua e que ficou conhecido como *Teoria da Variação e Mudança Linguística*.

A proposta teórico-metodológica de Labov (1972) busca verificar as variações que ocorrem na língua, sendo que o principal objetivo é analisar e descrever variantes usadas em uma comunidade de fala. Segundo este pesquisador, a língua é um sistema dinâmico porque está condicionada a fatores internos (estrutura da língua) e externos (social). Dessa forma, é fundamental avaliar a importância de cada um desses fatores condicionantes, visto que “o

pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística [...] não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras” (NARO, 2003: 15).

Essa teoria variacionista já possui grande parte da metodologia a ser empregada, com a finalidade de sistematizar um fenômeno linguístico variável. A Sociolinguística depende da observação do comportamento humano e a pesquisa se dá através de registros da fala de indivíduos constituintes de uma determinada comunidade para que se investiguem as formas linguísticas em variação. Essas formas podem ser definidas como “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1997: 8). Assim, o principal meio de investigação em Sociolinguística é o *vernáculo*, que, para Labov, é a língua falada em situações naturais de interação social, ou seja, quando a mínima atenção é prestada ao uso da língua pelo falante.

Antes de iniciar a investigação, o pesquisador precisa responder algumas questões que guiarão o trabalho empírico para que não ocorram problemas em alguma fase posterior, como por exemplo:

- a) Qual o objeto de estudo?
- b) Qual o tipo de comunidade de fala?
- c) Quais as características dessa comunidade?
- d) Quantos informantes serão precisos para a constituição da amostra?
- e) Como entrar em contato com os informantes?

Estas e outras perguntas serão necessárias para que se organize o esboço da pesquisa e as entrevistas sejam gravadas. Então, como coletar o vernáculo? Primeiro, tentando minimizar o efeito negativo da presença do pesquisador na hora da coleta dos dados e, segundo, buscando criar situações naturais de comunicação linguística. Esse é um problema que Labov chama de *paradoxo do observador*, pois o que se pretende é registrar como as pessoas falam espontaneamente quando não estão sendo observadas por um entrevistador, contudo a presença deste pode afetar o estilo de fala do entrevistado. Tal efeito pode ser solucionado através de algumas orientações metodológicas sugeridas por Labov, que incluem: evitar a palavra *língua*;

formular um roteiro de perguntas e, em momentos estratégicos, levar o informante a relatar experiências vividas. Por isso, assinala Tarallo (1997), que

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguísta procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. (*ibidem*: 23)

Seguindo esse modelo de entrevista laboviana e já dispondo de registros gravados e transcritos, o próximo passo é a codificação dos dados. Com isso, será feita uma seleção dos fatores que podem influenciar na ocorrência das variantes. Tais fatores podem estar ligados a contextos linguísticos ou não, como faixa etária, gênero, escolaridade, nível socioeconômico do falante, e serão associados a símbolos (letra, número etc.) para serem submetidos a uma análise quantitativa.

O tratamento estatístico nas pesquisas sociolinguísticas serve para verificar com que frequência cada fator pode interferir nas escolhas feitas pelos falantes, porque se leva em consideração o resultado dos cálculos do uso das variantes e o peso relativo de cada um. Essa quantificação das ocorrências de cada variante é que faz com que a linha de pesquisa também seja conhecida como *Sociolinguística Quantitativa*.

Conforme Naro (2003: 16), “o problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição”. Para tanto, há programas computacionais, como o VARBRUL 2S e GoldVarb 2001, que fornecem suporte estatístico, gerando frequências absolutas e relativas de ocorrência de cada grupo de fatores.

A interpretação dos resultados é a última fase da pesquisa, quando o investigador já tem em mãos as informações necessárias, os seus dados quantificados. É importante salientar que o programa computacional seleciona os grupos de fatores mais significativos, eliminando os demais. Assim sendo, esses são os aspectos teórico-metodológicos de uma pesquisa sociolinguística construídos a partir dos pressupostos labovianos.

Utilizamos, neste trabalho, como *corpus*, o vernáculo da Matinha, comunidade rural de

Feira de Santana, que é uma das mais importantes cidades do Estado da Bahia, situada entre a zona da mata e o sertão, no agreste baiano. Esta cidade, conhecida como *Princesa do Sertão*, está localizada a 107 quilômetros de Salvador, foi emancipada em 18 de setembro de 1873, possui uma área de 1.363 Km² e conta com uma população de 584.497 habitantes (Censo IBGE, 2008).

A Matinha está localizada a 14 quilômetros do centro de Feira de Santana e é um distrito povoado, predominantemente, por trabalhadores rurais que cultivam feijão, mandioca e milho para o auto-sustento. Pelas raízes históricas, essa comunidade teria se formado a partir da Fazenda do Candéal, onde havia um engenho, cujos trabalhadores eram escravos. Os negros, revoltados com a sua situação, fugiam, passando a habitar em uma área pequena e fechada da mata, a matinha, daí o nome Matinha dos Pretos.

O *corpus* é constituído de seis amostras de fala de informantes (3 homens e 3 mulheres) pertencentes ao banco de dados do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*². As amostras foram coletadas por bolsistas e voluntários do referido projeto de pesquisa, seguindo todo o rigor metodológico da pesquisa sociolinguística, como visto no item anterior deste artigo.

Assim sendo, já com os inquéritos gravados e transcritos³, procedemos desta maneira para a coleta de dados, uma vez que o estudo do tratamento é dificultado pela própria natureza do fenômeno. Fizemos um levantamento das formas, tendo sido registradas 541 ocorrências no total.

Após a observação dos possíveis contextos de variação, os aspectos levados em consideração foram: Sujeito (1^a, 2^a e 3^a pessoas); Tipo de Verbo (Ação/Movimento/Processo/Evento, Estativo e Cognitivo); Tipo de Oração (Absoluta, Principal, Subordinada e Coordenada); Palavra Atrativa (Presença e Ausência); Tempo Verbal (Presente, Passado e Futuro); Gênero do informante (Masculino e Feminino); Idade (Fx. I – 20 a 40 anos, Fx. II – 41 a 60 anos, Fx. III – a partir de 61 anos); Escolaridade (1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries), Uso de TV (Sim, Pouco/Raramente,

² Este Projeto está em desenvolvimento oficial desde 1998 e faz parte do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), do Departamento de Letras e Artes da UEFS. Tem como objetivo contribuir para o conhecimento da realidade linguística brasileira, quanto ao português falado em localidades do semiárido baiano. Para tanto, já foram mapeadas as localidades de Piabas, Barra dos Negros, Bananal, Mato Grosso, Cinzento, Casinhas, São José das Itaporocas e Matinha e a fase atual do projeto conclui a formação do banco de dados com registros fônicos da zona urbana da cidade de Feira de Santana, que é, ainda, linguisticamente pouco estudada.

³ Cf. ALMEIDA, N.L.F. de. Amstras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu). Vol. III. In: ALMEIDA, N.L.F. de; CARNEIRO, Z. de O.N. *Coleção amostras da língua falada no Semi-árido baiano*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

Não/Nunca). Depois da codificação, todos os dados foram submetidos ao Programa GoldVarb 2001, versão em *Windows* do VARBRUL, um *software* que quantifica a influência relativa de cada fator em relação à variável dependente e seleciona os grupos de fatores mais significativos após calcular a frequência, percentual e peso relativo de suas ocorrências (cf. SANKOFF, 1990).

3 As estratégias de negação: análise dos dados

Depois de passar pelas etapas que são requisitos fundamentais para o modelo teórico-metodológico utilizado (conforme visto no item 2.1), partimos para a análise quantitativa das rodadas binárias entre a variante conservadora e as inovadoras das estratégias de negação, para observação do fenômeno estudado no português falado da Matinha⁴. Antes, porém, mostramos, na tabela abaixo, a frequência absoluta e relativa das orações negativas nos dados de fala:

Variantes	Ocorrências	Porcentagem
Pré-verbal	420	78,00%
Dupla negação	110	20,00%
Pós-verbal	11	2,00%
TOTAL	541	100%

Tabela 1. Distribuição geral das estratégias de negação no *corpus*

3.1 Uso variável da dupla negação X negação pré-verbal

Nesta variação, evidenciamos que, em um total de 530 ocorrências, a estrutura negativa pré-verbal corresponde a 78% e a estrutura de dupla negação a 20% das realizações. Ressaltamos que foi considerada a dupla negação como regra de aplicação e os grupos de fatores selecionados

⁴ Cabe ressaltar que os termos que podem ser definidos como *quantificadores negativos*, tais como ‘ninguém’, ‘nada’, ‘nunca’, ‘jamais’, ‘nenhum’, foram desconsiderados neste trabalho, tratando apenas da partícula ‘não’ (com sua variante fônica ‘num’) e da forma ‘nem’ com valor negativo.

pelo programa GoldVarb, seguindo a ordem de relevância, foram: Tipo de Oração, Uso de TV, Tipo de Verbo e Tipo de Sujeito. Para um melhor desencadeamento da análise, as variáveis linguísticas e sociais estão separadas.

3.1.1 Variáveis linguísticas

Os fatores mais relevantes foram: Tipo de Oração, Tipo de Verbo e Tipo de Sujeito.

O tipo de oração foi controlado neste estudo porque pressupunhamos que a oração absoluta favoreceria o uso da dupla ção por funcionar como resposta mais direta.

Destacamos os seguintes exemplos de sentenças:

Oração Absoluta:

(4) Num vou não. [Inf. 06 F III]

(5) Não, não gosto de política não. [Inf. 01 M I]

Oração Coordenada:

(6) [...] mas nada bom ainda não dá não, né? [Inf. 01 M I]

Oração Principal:

(7) Num sei não como é que pode. [Inf. 04 F II]

Oração Subordinada:

(8) Acho que ele não pensa assim não. [Inf. 04 F II]

A tabela 2, abaixo, mostra a relação entre os tipos de orações e a variação estudada:

Fatores	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Absoluta	77/234	32%	.67

Coordenada	24/174	13%	.46
Principal	3/22	13%	.41
Subordinada	6/100	6%	.23
TOTAL	110/530	20%	---

Input .17

Significância .017

Tabela 2. Influência da variável *Tipo de Oração* quanto ao uso da dupla negação

Dessa forma, pudemos perceber, quanto ao primeiro fator, que o tipo de contexto oracional que mais favorece a ocorrência de dupla negação é a oração absoluta, atingindo 32% dos dados (Peso Relativo .67), corroborando, assim, a nossa hipótese.

Dentre os três tipos de verbos, consideramos os que possuem característica semântico-lexical de ação/movimento/processo/evento, os estativos e os cognitivos.

Ilustramos com os seguintes exemplos de construções:

Verbo que exprime ideia de ação/movimento/processo/evento:

(9) Não, não levou muito tempo não. [Inf. 01 M I]

(10) Meu irmão já tinha me falado: “Ói besta, num dói não, ele vai dar uma anestesia lá vai adormecer o pé, aí tu vai, é melhor do que tu arrancar.” [Inf. 02 F II]

Verbo cognitivo:

(11) Essas manga já foi umas quatro freguesa e freguês lá pra saber se já tá madura já, qu’eu falei que tá de vez, tava desse tamanho aqui assim [faz gestos com a mão], mas ela cresce muito e aí num tá boa de tirar não. [Inf. 02 F II]

Verbo estativo:

(12) Naquele tempo, tinha as professora, os aluno sempre respeitava mais. Hoje em dia, pelo qu’eu vejo sempre, os aluno não respeita como era antigamente não. [Inf. 03 M II]

A tabela 3 exhibe os percentuais e pesos relativos encontrados:

Fatores	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Ação/mov./proc./evento	50/199	25%	.58
Estativo	50/188	21%	.51
Cognitivo	10/93	10%	.32
TOTAL	110/530	20%	---
<i>Input .17</i>			Significância .017

Tabela 3. Influência da variável *Tipo de Verbo* quanto ao uso da dupla negação

Ficou explícito, nos nossos dados, que os verbos que possuem uma carga semântico-lexical de ação/movimento/processo/evento propiciam mais a utilização da dupla negação com 25% das ocorrências (Peso Relativo .58).

O tipo de sujeito foi controlado por acreditarmos que a 1ª pessoa do discurso favoreceria o uso da dupla negação, visto que haveria uma maior ênfase do falante em relação à negação de algum fato ou suposição relacionado a ele mesmo; o que não se confirmou nos dados analisados. Os seguintes exemplos mostram algumas ocorrências:

1ª pessoa do discurso:

(13) Eu vejo, nem vejo os pessoalá dizer a história daqui da Matinha, eu não vejo os pessoalá dizer não. [Inf. 01 M I]

(14) Nós ficou lá fora, os pessoalá dançano, nós chegava aqui na porta, botava a cabeça pra ver se via o pessoalá dançano, eles fazia vohtar pra trás de novo. E a hente num entrava não... [Inf. 04 F II]

2ª pessoa do discurso:

(15) A saúde aqui é mais ou meno, porque tem o posto que inaugurou, mas antes dopostinho, já tinha o posto de saúde, o médico vinha de oito em oito, vinha um

dentista, e até bem servido. E agora tem esse posto novo, você não viu ainda não? [Inf. 05 M III]

(16) Cê deve saber, lá no lugar que chama Marco, cê num sabe não? [Inf. 06 F III]

3ª pessoa do discurso:

(17) Não, [ela] ainda não tá ino não. [Inf. 02 F I]

A tabela 4, abaixo, demonstra a frequência da dupla negação nos dados de fala de acordo com o tipo de sujeito⁵:

Fatores	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso Relativo
1ª pessoa	48/207	23%	.49
2ª pessoa	3/5	60%	.94
3ª pessoa	42/196	21%	.50
TOTAL	93/408	22%	---

Input .17 Significância .017

Tabela 4. Influência da variável *Tipo de Sujeito* quanto ao uso da dupla negação

Compreendemos que o sujeito de 2ª pessoa favorece, substancialmente, a ocorrência de dupla negação, com 60% (Peso Relativo .94).

3.1.2 Variável social

Do nosso grupo de variáveis sociais, o programa GoldVarb julgou como relevante apenas

⁵ No levantamento dos dados, desconsideramos as poucas ocorrências de orações com sujeito inexistente. Exemplo: Não choveu. [Inf. 03 M II].

o fator Uso de TV.

Como é sabido, o uso da TV influencia, de certa forma, a fala das pessoas por veicular mais a norma padrão do português, neste caso a negação pré-verbal. Por isso que, em nossos dados, o uso da variante inovadora dupla negação é maior entre os informantes que pouco ou raramente assistem à televisão, conforme podemos observar na tabela que segue:

Fatores	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Sempre	51/368	13%	.41
Pouco/raramente	59/162	36%	.70
TOTAL	110/530	20%	---

Input .17 Significância .017

Tabela 5. Influência da variável *Uso de TV* quanto ao uso da dupla negação

Depois desta análise dos dados, pudemos perceber como se configura a variação entre as estruturas de dupla negação e a conservadora pré-verbal na variedade rural do português falado no município de Feira de Santana em relação à influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos.

3.2 Uso variável da negação pós-verbal X pré-verbal

Neste contexto de variação, evidenciamos que, em um total de 431 ocorrências, a estrutura negativa pré-verbal corresponde a 96% e a estrutura pós-verbal a apenas 3% das realizações. Acreditamos que a pouca presença desta negativa inovadora parece estar relacionada à condição de uso e ao instrumento de coleta de dados (gravação de narrativas pessoais e relatos produzidos pelos falantes sem muita interferência do interlocutor/documentador, que apenas estimulava ou mudava o assunto da entrevista), visto que, segundo alguns estudos do português falado, a negação pós-verbal ocorre, preferencialmente, como resposta a perguntas diretas. Então,

devido à sua baixa frequência em nossos dados, não houve fatores selecionados pelo GoldVarb como relevantes na rodada binária, considerando o uso da negação pós-verbal como regra de aplicação. Destacamos os seguintes exemplos:

- (18) A poliça pegou, bateu, bateu neles e eles ainda fôru preso dentro do carro e eles saiuu não. Depois ainda levaru preso, só depois que sortaru. [Inf. 05 M III]
- (19) Você num se lembra não, tinha um programa “Pinote”, lembra não? [Inf. 06 F III]
- (20) Muitas vez eles não obedece as poliça, porque uma vez mehmo aí que teve uma festa aí na Matinha mehmo, que chamou a poliça e não obedeceru a poliça, obedecerunão. [Inf. 06 F III]
- (21) A gente num pode fazer nada disso c´um ninguém, pode não. [Inf. 06 F III]

Considerações finais

Depois da exaustiva análise dos dados, buscando identificar os contextos favoráveis ao uso variável das estruturas de negação no português falado da Matinha, verificamos que:

- a) na língua falada, a estrutura pré-verbal (a padrão) é mais frequente em relação às estruturas de negação dupla e final, que são usadas em contextos restritos/específicos. Contudo, tais variantes inovadoras não são estigmatizadas, pois estão presentes também na variedade culta;
- b) as três construções negativas se diferenciam do ponto de vista da situação comunicativa, mas não no aspecto sintático, coexistindo e interagindo no “ciclo da negação”;
- c) as frequências diferentes parecem estar relacionadas às condições de uso da negação e isto não possibilitou uma motivação para gerar algumas conclusões sobre a variação no uso da estrutura inovadora pós-verbal em relação à estrutura padrão;
- d) os condicionadores para o uso variável da estrutura inovadora dupla negação *versus* a negação pré-verbal são, em ordem de relevância, Tipo de Oração (e o fator oração absoluta que mais favorece), Uso de TV (com destaque para quem pouco ou raramente assiste à televisão), Tipo de Verbo (maior frequência dos verbos de ação/movimento/processo e evento) e Tipo de Sujeito

(com maior favorecimento da 2ª pessoa do discurso);

e) em momento posterior, para satisfazer a alguns questionamentos não respondidos, faz-se necessário um estudo mais detalhado com esta variedade linguística para um melhor entendimento dos mecanismos de negação, debruçando-se em aspectos qualitativos e reconsiderando os fatores faixa etária, escolaridade e gênero.

Assim, o trabalho, como foi realizado, poderá contribuir para um melhor conhecimento da língua falada na Matinha, comunidade rural de Feira de Santana, caracterizando, por sua vez, a língua falada no Brasil.

Referências

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Coleção amostras da língua falada no Semi-árido baiano*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BRIGHT, William. As dimensões da Sociolinguística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: (s/l), 2009, p. 141-155.

GOMES, Henriette Ferreira; LOSE, Alicia Duhá. *Documentos científicos: orientações para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos*. Salvador: Edições São Bento, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Variação e mudança das estratégias de negação. *Boletim da ABRALIN* v. 26 – Nº Especial - I, 2001a. p. 146-149.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *D.E.L.T.A.*, vol. 17, n. 1. São Paulo, 2001b. p. 1-30.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Informação e documentação de Feira de Santana*. Feira de Santana: IBGE, 2008.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

- MARQUES, Maria Emília Ricardo. *Sociolingüística*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.
- MOURA NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamentos estatísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.
- SANKOFF, David. *GoldVarb 2001: Variable rule analysis*. New York: University of York, 1990.
- SANTOS, Aline da Silva; SANTANA, Jan Carlos Dias de. *Pesquisa sociolingüística: o que é e como se faz*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009 (mimeo).
- SOUZA, Arivaldo Sacramento de. *Estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira*. Relatório de pesquisa IC/FAPESB. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2004 (mimeo).
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- VITRAL, Lorenzo. A negação: teoria da checagem e mudança lingüística. *D.E.L.T.A.*, Vol. 15, n. 1. São Paulo fev./jul. 1999. p. 1-25.